

## Os Lusíadas como epopéia marítima: - A sua estrofe mais portuguesa, com certeza

NILO PEREIRA

Por maiores que sejam as descobertas que *Os Lusíadas* possam ensejar — o próprio poema sendo a epopéia dos descobrimentos marítimos — será sempre para o mar, ou para os mares nunca dantes navegados — que nos teremos de voltar no estudo dessa criação múltipla, que é canto das glórias lusitanas.

A presença do mar, no poema camoneano, chega a ser a sua própria atmosfera. É como se estudássemos em versos a chamada Escola de Sagres, para citar o núcleo mais importante da ciência ou arte de marear, em Portugal. Quem o faria, com efeito, sem pensar nas sugestões do mar infinito e tenebroso? Quem o faria sem imaginar o Infante D. Henrique, da “íclita geração”, diante do apelo que vinha da imensidão marítima? Quem o faria sem ouvir o rumor em águas desconhecidas das caravelas, que eram as charruas do mar-oceano?

O velho do Restelo — “um velho de aspecto venerando” — podia ter as suas razões diante do que lhe parecia apenas aventura: — a civilização agrária tinha nele, decerto, a configuração dum pequeno mundo auto-suficiente, o homem lavrando o campo como “um bicho da terra tão pequeno”. Depois o horizonte alargou-se. Veio a dilatação da Fé e do Império. O visionário de Sagres tinha diante de si o duplo desafio: o mar, que seria o vasto Império, e a Fé, que seria a conversão dos infiéis, a implantação da Cruz de Cristo, a demonstração de que, ao lado do comércio, Portugal vai fazer de que a lei de Cristo há de prevalecer sobre a lei de Mafamede.

Mas isso não seria fácil ao arrojo dos nautas que foram peregrinos de terras distantes e misteriosas: — ao lado de tan-

to idealismo, de tanta coragem, havia a preparação científica, a certeza de que as navegações seriam a vitória da empresa lusitana. Havia o risco, e no risco estava a aventura; mas os portulanos, as cartas de marear davam um caminho seguro ao que parecia apenas a fantasia, povoada de terrores. Esse perigo punha na epopéia das navegações portuguesas a nota por excelência da tragédia a enfrentar e até um certo romantismo nessas viagens e que não era outra coisa senão “perigos e guerras esforçados”.

Tudo isso, segundo o próprio Camões, parecia exceder a própria mente humana. E talvez por essa razão Taine tenha dito que o século XVI era o maior século da História: — essas navegações davam ao heroísmo, no contexto histórico, nova e surpreendente dimensão. Eram heróis de novos mundos esses homens que, nas suas caravelas, se partiam em busca de novas terras, que dilatassem ao mesmo tempo a Fé e o Império. E veja-se bem o binômio camoneano: — primeiro a Fé, depois o Império. Isso como quem diz: primeiro a lei de Cristo, a verdade que se levava às almas, depois a extensão territorial prolongada nos mares, que eram um convite à expansão e ao desenvolvimento. Eis a epopéia marítima portuguesa. Com os “cristãos atrevimentos” alargava-se “a pequena Casa lusitana”. E nesse empreendimento quase sagrado, com algo ainda da Idade Média como ideal um tanto semelhante ao das Cruzadas, e muito do espírito moderno, sob o ponto de vista do humanismo teocêntrico, sem prejuízo da imagística mitológica que não tira a Deus, no destino do grande empreendimento, as decisões felizes e a certeza dos rumos traçados.

Mesmo assim, era necessário que Netuno e Marte obedecessem aos portugueses; e que os deuses, em concílio, reunidos para tomar conhecimento das navegações, fossem por sua vez benéficos e protetores, embora não exprimissem, na epopéia camoneana, senão algo muito do gosto do humanismo da época: — culturas que se misturam para a expressão moderna dum néo-classicismo. No caso de Camões, esse néo-classicismo será sempre português e sempre cristão. *Os Lusíadas* dão uma individualidade própria à língua portuguesa, como em outras par-

tes os Renascimentos — como manda dizer Jacob Burckardt — imprimiram a outras línguas, fixando-lhes mesmo a independência, a singularidade. Uma singularidade, uma plasticidade, uma agilidade que lhe permitem ser o mais alto representante do povo português como épico e como lírico, celebrando “os feitos valerosos” num tom que não chega a ser apologético nem impositivo. Ele bem sabe que está numa fase de transição, que descreve aquela odisséia dos mares, mas que, no final de contas, a lira fica ensurdecida ante a “austera, apagada e vil tristeza” que se abate sobre o povo, que talvez não entendesse bem, na época, a obra genial que parecia exagerar os fatos e os heróis, tornando-os quase lendários.

Camões comporta-se como um autêntico humanista, convém sempre acentuar. Todos os conhecimentos estão no seu poema. E tudo é possível encontrar em *Os Lusíadas*, desde o maravilhoso ao científico, desde a organização do Estado até às reações psicológicas do povo português: — o Renascimento, que é uma revolução da Cultura, encontra nele a universalidade da inteligência que, sem perder de vista os ideais da Idade-Média, ganhava com a Modernidade novos impulsos, novas conotações. O humanismo camoneano é todo ele voltado para o seu povo, a sua história, as suas lutas, a ânsia de ser maior. Isso não fará de Portugal uma outra Fenícia, porque nos tempos modernos o ideário é outro, e são outras as vivências criadoras.

Mas permitirá ao poeta visualizar outros horizontes, principalmente os que se alongam pelo mar infinito, por onde ondula também a sua alma de navegante e quase de aventureiro, por onde se vai o seu estro, falando à sua Pátria como ninguém jamais falou em termos tão persuasivos e tão poéticos — tão lógicos e tão mágicos — de tudo quanto dá a Portugal, nos séculos dos descobrimentos, novas perspectivas e glórias quase incomparáveis de gente navegante.

Sempre um relacionamento do poema com o mar, do homem com o desafio infinito, da terra com o desconhecido — eis o que Camões põe, de preferência, na sua criação imortal. A dimensão humana é pequena, limitada, impotente diante do que ele vai fazer, deixando-se ir pelos mundos que ora serão

chamados ao mundo, ora serão cristianizados, que a tanto leva a façanha dos rudes marinheiros. E tal é o arrojo, com efeito, que é preciso contar com o Céu, com a benignidade de Deus, para que a empresa, que é fantástica, seja bem sucedida. A última estrofe do canto primeiro do poema diz tudo:

No mar tanto tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde tem segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno!

Em meio à grandeza que se canta, a pequenez do homem que tudo vai deixar para levar a outras terras as caravelas da iniciação, como chama Fernando Pessoa. Não raras vezes, o poeta se reconhece fraco ante o cenário que se descortina: — as lutas, os perigos, as guerras, os abismos, os fantasmas, o terrível ignoto, a legenda braviosa do mar abissal, a temeridade das travessias oceânicas. E só poderá dizer tudo isso, vencer em si mesmo o desafio da legenda, se for atendido nessa quase súplica em que põe a nota do Renascimento: — a imagem do homem, mesmo cristão, diante de certas coisas que outros gênios misteriosos também governam:

Dai-me uma fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda.  
Que se espalhe e canto no universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

Machado de Assis altera o verso acima e diz num soneto de feição camoneana: — “E tão sublime preço cabe em verso”. Era justamente no verso, na epopéia, que o cronista haveria de

procurar a expansão maior da glória lusitana; e o poema é nitidamente português, apenas português, no qual, como salienta Álvaro Lins em conferência proferida no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, o herói é o povo. Vasco da Gama será a representação desse povo, o herói nacional, o desbravador; mas, na essência, o poema é todo ele uma história que se conta entre o homem e o mar, entre as caravelas e o Tejo, entre os nautas e as Tágides, entre o que está na face do oceano e o que não se sabe de suas profundezas nem das suas iras, entre o fantástico e o real.

Seria preciso que Júpiter assim o promettesse:

E porque, como vistes, tem passados  
Na viagem tão ásperos perigos,  
Tantos climas e céus experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos,  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa Africana como amigo,  
E tendo guarnecido a lassa frota  
Tornarão a seguir sua longa rota.

A fala de Júpiter não é um consentimento que o poeta dos “cristãos atrevimentos” vai pedir: — é a definição da empresa, que começa em Sagres, com aquele homem místico que Zuzara dizia ter um ar de fortaleza” e tudo fazia, o sonhador animado pelo cientista, ao impulso da sua legenda que é o ideal de todas as navegações portuguesas: — *le talent de bien faire*.

Camões emprega todo o seu gênio, em *Os Lusíadas*, em difundir os feitos gloriosos, com um poder raro de comunicação, como um repórter ágil, de que falou Gilberto Freyre em recente conferência na Associação de Imprensa de Pernambuco. Era ao mundo do seu tempo que, como pioneiro da comunicação, assinalado por Gilberto Freyre, vinha contar tudo quanto os portugueses fizeram. E, tomado desse ideal cavaleiresco, como se escrevesse uma gesta medieval, ele então, poderá dizer:

Vereis amor da pátria não movido  
De prêmio vil, mas alto e quase eterno,  
Que não é prêmio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daqueles de quem sois senhor superno,  
E julgareis qual é mais excelente,  
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Na verdade, quando Camões diz isso, quando afirma, quase enfaticamente, que é, decerto, melhor ser rei de tal gente, que do mundo revela a universalidade da sua temática, sem perder por isso, nem por um momento, o instinto nacional que anima a criação poética. Pelo contrário: — é para o mar português que ele convoca a Deus e aos deuses, as forças que aplacam os ventos e as tempestades, o amor que vai ser na história dos descobrimentos uma forma de não temer o desconhecido, a ponto de transformar os seres estranhos que os nautas cuidavam encontrar nas flores de Santa Maria do Infante D. Henrique.

O mar é a “constante” camoneana que embala o poema num sonho que é de pesadelos e de exaltações. Tudo se erguerá sobre ele e flutuará à mercê dos seus destinos vários e longínquos. Ele é história, lenda, superstição, terror, mas a certeza de bem navegar e bem chegar: na Carta de Pero Vaz de Caminha ondulam as florestas como vagas dum oceano desejado e previsto.

Essa história está nesse poema de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu  
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa resume a história portuguesa do mar — do mar camoneano e heróico — quando faz, por assim dizer, o balanço dessa imensa aventura, isto é, desse imenso risco, que enche *Os Lusíadas* dum sopro trágico de fé, nesse outro poema:

Senhor, a noite veio e a alva é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda ha vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem, — ou desgraça ou ânsia —,  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistemos a Distância —  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

*Os Lusíadas* são, assim, o poema da Distância: a distância que aproxima Portugal do Oriente e do Ocidente, a distância de que somos próximos, porque as naus do Venturoso aqui aportaram e tudo valeu a pena. Contemplo esse mundo sem fim, essa epopéia marítima que entra no Renascimento com uma força dantesca de lugares até onde só a imaginação podia ir. Há para esse poema milhares de leitores; cada qual escolhe o que mais lhe agrada; mas todos sentirão que estão no mar-oceano, em alguma nau que se vai, tangida pelos ventos e pelas correntes, como uma ave que está boiando à face das águas, de asas abertas. Por isso Joaquim Nabuco — que, incansavelmen-

te, explicou e interpretou *Os Lusíadas* nas Universidades americanas — disse que esse livro é para ser lido a bordo, à sombra do velame. Só assim se sentirá a sua alma, que é a alma do poeta, ele próprio um naufrago, conhecendo de saber próprio os perigos das tempestades. É num naufrágio — para que fosse ainda mais português — que o poema se salva com o seu autor, porque nos mares Portugal, que era ele, o cantor, não podia perder nem a rota nem a alma.

Esse homem múltiplo, em cuja lira soam todas as notas, em cujo braço há epopéia e em cujo coração há lirismo, foi assim magnificamente definido pelo prof. Edgar Barbosa: — “Luz do sol de Deus e dos raios do Olimpo, orquestração de clamores dos ventos, gritos de comando, ânsia de novas terras, vozes de novas gentes, o susurro das selvas e a revolta do mar”. Eis o poeta todo, na sua orquestração maravilhosa, no poder de unir a terra ao mar, o homem ao mistério, a charrua à caravela, a geografia à mitologia, tão fabuloso quando fala do Adastor quanto lírico quando fala de Inês de Castro. Um poeta em que o elemento essencial é a água, salgada ou doce. Um poeta tão da água, dos mares e dos rios, que a fonte de Inês, em Coimbra, nasce das lágrimas da infeliz amante.

Lendo *Os Lusíadas*, como encontrar, em tão vasto mundo, a estrofe mais portuguesa, com certeza? Como encontrar aquela em que ele está todo inteiro, como todo inteiro está Portugal navegante e descobridor?

Difícil tarefa, sujeita, bem o sei, a controvérsias ou mesmo a contraditas. Onde a estrofe-síntese? Então, tudo aquilo não é Portugal, não é uma história que se perde no Oceano? Portugal, depois de toda essa glória, como um grande pássaro cansado e já sem horizontes, volta ao seu rochedo solitário, disse Nabuco. Tinha dado novos mundos ao mundo. Lançaram as raízes da Cristandade onde quer que isso foi possível. O cativo de D. Fernando, em Tânger, era só por si a página maior de Fé que imortaliza a “ínclita geração, altos infantes”, porque ele não se deixaria resgatar para entregar Ceuta aos mouros. O cativo lhe valia a própria liberdade invisível, que era o prêmio do seu sacrifício. Camões resume os feitos gloriosos:

Assim foram cortando o mar sereno  
Com vento sempre manso e nunca irado.  
Até que houveram vista do terreno  
Em que nasceram sempre desejado;  
Entraram pela foz do Tejo ameno,  
E a sua pátria e Rei temido e amado  
O prêmio e glória dão, porque mandou  
E com títulos novos se ilustrou.

Era como que o fim de tudo, das façanhas que imprimiram ao Renascimento português, pelo poema de Camões, nova dimensão humana, o humanismo que não era só arte e beleza, mas heroísmo e abnegação.

Nenhuma estrofe resume tão bem o poema imortal, síntese da epopéia dos descobrimentos, como esta:

Mas em tanto que cegos e sedentos  
Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
Não faltarão Cristãos atrevimentos  
Nesta pequena Casa Lusitana;  
De África tem marítimos assentos  
É na Ásia mais que todas soberana;  
Na quarta parte nova os campos ara  
E se mais mundo houvera, lá chegara.

Todo o ciclo português das navegações — incluindo o Brasil, a “quarta parte nova”, aí está. E mais estaria, se mais mundo houvera, que o sonho do Infante não tinha fim como o próprio mar lusitano, visto de Sagres.